

# Crédito ainda é apontado como um dos maiores entraves para o negócio

No Brasil, o acesso às linhas de financiamento ainda é restrito e há muita burocracia

Entre os principais desafios para aumentar e melhorar a taxa de empreendedorismo no Brasil, está o acesso ao crédito. Segundo a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2010, o país está em 14º lugar entre as nações que fazem parte do levantamento, quando se analisa a disponibilidade de recursos para abrir uma empresa ou expandir o negócio. De acordo com o levantamento, 58,1% dos empresários investiram até R\$ 10 mil para abrir

seus negócios. E 36% dos empreendedores recorreram às suas economias ou empréstimos de amigos ou parentes. A amostra considera uma média dos investimentos entre os anos de 2002 e 2010.

O presidente do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), Eduardo Carmargo Righi, afirmou que, apesar da melhora macroeconômica do Brasil, o acesso do empreendedor ao crédito é restrito. “Há muita burocracia para se conseguir recursos, principalmente, para ampliar o negócio. Os bancos pedem garantias que muitas vezes o pequeno e o mi-

Além da burocracia na hora de tomar um empréstimo, o empreendedor desconhece as linhas oferecidas pelos bancos

croempresário não têm. O Brasil tem que melhorar a microeconomia”, disse Righi, um dos coordenadores da pesquisa.

Segundo o Banco Central, em fevereiro, as instituições desembolsaram R\$ 1,86 bilhão para microcrédito, 64% do total de recursos para este fim. Há uma norma do BC que determina que 2% de todos os depósitos a vista sejam destinados ao microcrédito. Naquele mês, havia disponível R\$ 2,91 bilhões.

Esse montante vem crescendo, conforme dados do Banco Central. Em fevereiro de 2010 os bancos tinham em operações de microcrédito R\$ 1,286 bi-

lhão, o que equivale a 49,1% dos recursos que deveriam ser alocados para esses empréstimos, 2% dos depósitos à vista, que em fevereiro de 2010 somavam R\$ 2,622 bilhões.

Para o professor de empreendedorismo da Fundação Vanzolini e da Universidade de São Paulo (USP), Marcelo Nakagawa, o risco do empréstimo ainda é considerado alto pelos bancos, o que explica o baixo acesso dos pequenos e microempresários ao crédito disponível no mercado. “Além disso, as instituições avaliam o tomador e não o negócio. Essa visão tem que mudar”, disse Nakagawa. ■

Anúncio